

PALESTRAS ESPÍRITAS

Volume 2



TRANSIÇÃO
PLANETÁRIA



CAPELA

A PEDAGOGIA DO
ESCLARECIMENTO



Carlos Lucena



EDITORA
FONTE DE LUZ

Palestras Espíritas

Volume 2

Carlos Lucena

Palestras Espíritas

Volume 2

1ª Edição

Uberlândia / Minas Gerais

Navegando Publicações

2026



NAVEGANDO



www.editoranavegando.com
editoranavegando@gmail.com
Uberlândia – MG,
Brasil

Direção Editorial: Navegando Publicações
Projeto gráfico e diagramação: Lurdes Lucena
Arte da Capa: Alberto Ponte Preta
Imagem Capa: Yongsung Artist - Pinterest

Copyright © by autor, 2026.

C2841 – Lucena, C.; Amigos. Palestras Espíritas – Volume 2 – Uberlândia:
Navegando Publicações, 2026.

ISBN: 978-65-6070-146-5

DOI – 10.29388/978-65-6070-146-5

1. Espiritismo 2. Espiritualidade 3. Vida 4. Imortalidade I. Carlos Lucena II.
Navegando Publicações. Título.

CDD – 218

Índice para catálogo sistemático
Imortalidade 218

Conselho Editorial Multidisciplinar

Pesquisadores Nacionais
Afrânio Mendes Catani – USP – Brasil
Anderson Brettas – IFITM – Brasil
Anselmo Alencar Colares – UFOPA – Brasil
Carlos Lucena – UFU – Brasil
Carlos Henrique de Carvalho – UFU, Brasil
Cilson César Fagiani – Uniube – Brasil
Dermeval Saviani – Unicamp – Brasil
Elmiro Santos Resende – UFU – Brasil
Fabiane Santana Previtalli – UFU, Brasil
Gilberto Luiz Alves – UFMS – Brasil
Inez Stampa – PUCRJ – Brasil
José dos Reis Silva Júnior – UFSCar – Brasil
José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU – Brasil
José Claudinei Lombardi – Unicamp – Brasil
Larissa Dahmer Pereira – UFF – Brasil
Livia Diana Rocha Magalhães – UESB – Brasil
Mara Regina Martins Jacomeli – Unicamp, Brasil
Marcelo Caetano Parreira da Silva – UFU – Brasil
Maria J. A. Rosário – UFPA – Brasil
Newton Antonio Paciulli Bryan – Unicamp, Brasil
Paulino José Orso – Unioeste – Brasil
Ricardo Antunes – Unicamp, Brasil
Robson Luiz de França – UFU, Brasil
Tatiana Dahmer Pereira – UFF – Brasil
Valdemar Sguissardi – UFSCar – (Apos.) – Brasil
Valeria Lucilia Forti – UERJ – Brasil
Yolanda Guerra – UFRJ – Brasil

Pesquisadores Internacionais
Alberto L. Bialakowsky – Universidad de Buenos Aires – Argentina.
Alcina Maria de Castro Martins – (I.S.M.T.), Coimbra – Portugal
Alexander Steffanell – Lec University – EUA
Ángela A. Fernández – Univ. Aut. de St. Domingo – Rep. Dominicana
Antonino Vidal Ortega – Pont. Un. Cat. M. y Me – Rep. Dominicana
Armando Martinez Rosales – Universidad Popular de Cesar – Colômbia
Artemis Torres Valenzuela – Universidad San Carlos de Guatemala – Guatemala
Carolina Crisorio – Universidad de Buenos Aires – Argentina
Christian Cwik – Universität Graz – Austria
Christian Hausser – Universidad de Talca – Chile
Daniel Schugurensky – Arizona State University – EUA
Elizet Payne Iglesias – Universidad de Costa Rica – Costa Rica
Elsa Capron – Université de Nimés / Univ. de la Réunion – France
Elvira Aballi Morell – Vanderbilt University – EUA.
Fernando Camacho Padilla – Univ. Autónoma de Madrid – Espanha
José Javier Maza Avila – Universidad de Cartagena – Colômbia
Hernán Venegas Delgado – Univ. Autónoma de Coahuila – México
Iside Gjergji – Universidade de Coimbra – Portugal
Iván Sánchez – Universidad del Magdalena – Colômbia
Johanna von Grafenstein, Instituto Mora – México
Lionel Muñoz Paz – Universidad Central de Venezuela – Venezuela
Jorge Enrique Elías-Caro – Universidad del Magdalena – Colômbia
José Jesus Borjón Nieto – El Colegio de Vera Cruz – México
José Luis de los Reyes – Universidad Autónoma de Madrid – Espanha
Juan Marchena Fernandez – Universidad Pablo de Olavide – Espanha
Juan Paz y Miño Cepeda, Pont. Univ. Católica del Ecuador – Equador
Lerber Dimas Vasquez – Universidad de La Guajira – Colômbia
Marvin Barahona – Universidad Nacional Autónoma de Honduras – Honduras
Michael Zeuske – Universität Zu Köln – Alemanha
Miguel Perez – Universidade Nova Lisboa – Portugal
Pilar Cagiao Vila – Universidad de Santiago de Compostela – Espanha
Raul Roman Romero – Univ. Nacional de Colombia – Colômbia
Roberto Gonzales Aranas – Universidad del Norte – Colômbia
Ronny Viales Hurtado – Universidad de Costa Rica – Costa Rica
Rosana de Matos Silveira Santos – Universidad de Granada – Espanha
Rosario Marquez Macias, Universidad de Huelva – Espanha
Sérgio Guerra Vilaboy – Universidad de la Habana – Cuba
Silvia Mancini – Université de Lausanne – Suíça
Teresa Medina – Universidade do Minho – Portugal
Tristan MacCoaw – Universit of London – Inglaterra
Victor-Jacinto Flecha – Univ. Cat. N. Señora de la Asunción – Paraguai
Yoel Cordovi Núñez – Instituto de Historia de Cuba v Cuba – Cuba

Sumário

Prólogo.....	9
Os Conflitos de Capela.....	15
O Exílio.....	21
A Vida e a Morte	29
Desafios para as Casas Espirituais.....	33
A manipulação do medo.....	37
Saudade e Obsessão.....	45
O Espiritismo e o Sentido da Vida.	51
Sedes Perfeitos.....	53
O Encontro com Milton	59

Prólogo

O sentido da vida e da morte sempre esteve presente entre as preocupações da humanidade. O questionamento de onde viemos, onde estamos e para onde vamos, inquieta todos os seres humanos que se propõem a pensar sobre o passado, presente e futuro. Não faltaram mitos e representações para tentar explicar o que até então era inexplicável.

O espiritismo contribuiu significativamente para esta discussão. A proposta de junção entre a ciência e a religião propiciou o aprofundar de respostas a estas perguntas, fugindo aos limites explicativos dos mitos e das representações.

Ao leitor, pouco afeito aos conceitos oriundos da filosofia, quando nos referimos ao conceito de mito ou mitologia, partimos do princípio de que a humanidade constrói simbologias para aquilo que não consegue compreender.

Exemplificamos esta afirmação remetendo-nos aos tempos longínquos da nossa história, na qual as explicações sobre a Terra e o Universo eram primárias. Os limites da astronomia e da geografia, desconhecendo sua dimensão esférica, definiam o nosso planeta em um formato plano, um conjunto de explicações similares aos terraplanistas do final do século XX.

Em sua fértil imaginação coletiva, entendiam que o mundo terminava em um abismo marítimo sem fundo. Nele, habitavam feras gigantes que devoravam os navios desavisados que ousavam desafiar as barreiras de nosso planeta. Da mesma forma, se dava a pergunta de como a Terra não caía indefinidamente pelo espaço,

por não existir nada que a segurasse no seu devido lugar. O deus Atlas foi o mito criado para explicar este fenômeno. Ele era um gigante que segurava o planeta em suas costas para que não se perdesse no universo.

Os avanços científicos conquistados gradativamente através de pesquisas e reflexões passaram a negar estas concepções. Com o cientificismo inerente aos séculos XVIII e XIX, novas explicações foram oferecidas e uma contradição se manifesta. Grandes espíritos, muito além do seu tempo, promovem inovações que transformaram um mundo até então repleto de seres humanos analfabetos.

Quando fazemos esta afirmação, nos remetemos especialmente às mudanças que ocorreram no século XIX. Nas Artes e na Filosofia, foram criados o Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo e o Impressionismo. O liberalismo econômico, positivismo e o marxismo ganharam expressão.

A música, a pintura e a literatura também se destacaram com a elaboração de grandes obras literárias. Ludwig van Beethoven compôs a sua "Nona Sinfonia". Karl Marx, em conjunto com Friedrich Engels, publicou o "Manifesto do Partido Comunista". Charles Darwin lançou o livro "Teoria da Evolução das Espécies", que afetou heterogêneas correntes do pensamento científico. Claude Monet terminou a tela "Mulher com Sombrinha" e Van Gogh "A Noite Estrelada".

A fotografia foi criada por Joseph Nicéphore Niépce. Louis Jacques Daguerre criou o modelo fotográfico denominado daguerreótipo. Louis Braille desenvolveu a máquina de Braille para

pessoas cegas. A tecnologia da anestesia foi descoberta por William Morton. Carl von Linde inventou a geladeira. Werner von Siemens, a locomotiva com motor elétrico. O automóvel, talvez uma das maiores invenções de toda a história, que marcara as relações entre os seres humanos no século XX, foi inventado por Karl Benz. Os irmãos Lumière criaram o cinematógrafo e difundiram o cinema. O raio-X foi descoberto por Wilhelm Conrad Röntgen.

Contudo, como dissemos, os avanços científicos apresentados coexistiam com um universo de analfabetos presentes no centro e na periferia do planeta. No final do século XIX, o Brasil possuía 85% da sua população analfabeta. No censo de 1872, o Brasil era formado por uma população de 10 milhões de habitantes e apenas 150 mil alunos eram matriculados na escola primária.

Na Europa, em 1877, na Espanha tinha 72,01% de analfabetos em sua população, a França 60%, a Rússia 80% e a Inglaterra 45%. Na Alemanha, um livro com tiragem de 2500 exemplares era comprado por 0,01% da população e lido por 0,1%. No Japão, 55% dos homens e 85% das mulheres eram analfabetos. O único país a zerar o analfabetismo no final do século XIX foi a Suíça, onde estudou Allan Kardec. No continente americano, os Estados Unidos possuíam 13,5% de analfabetos.

Este cenário contraditório entre o avanço científico e o analfabetismo foi o palco em que se deu a codificação do espiritismo por Allan Kardec. O objetivo foi buscar, através da ciência da explicação de fenômenos universais que explicassem os mistérios entre a vida e a morte, expressos nos fenômenos da

encarnação e reencarnação. A ideia foi mostrar a amplitude da vida em um universo povoado por seres inteligentes vivendo em diferentes dimensões.

O princípio do espiritismo foi a formação de seres humanos para o bem, mudando os corações de todos os seres humanos, através de um novo sentido para as suas vidas. Tal qual nos mostra o Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec, o objetivo do Espiritismo, como a Terceira Revelação, foi mostrar a todos os seres humanos o caminho do bem e as formas de viver nos mundos ditos. Emancipá-los das ações e pensamentos menores, impulsionando-os à benevolência e à indulgência.

Evitando cair nas armadilhas do anacronismo, demonstraremos que o espiritismo não foi codificado no século XIX ao acaso. Até porque, os fenômenos de manifestações espirituais estão presentes em toda a história.

Trabalharemos a hipótese, apresentada através de um conjunto de palestras ministradas em Centros Espíritas e Casas Espirituais, à qual o avanço científico ocorrido nos séculos XVIII e XIX colocou à espiritualidade o grande desafio de evitar que a Terra avançasse cientificamente e se perdesse moralmente.

O exemplo apresentado é o comparativo com o planeta Capela, que teve caminho similar ao nosso planeta e sucumbiu perante o período de transição evolutiva de provas e expiações para o de regeneração.

Apesar de este tema não ser unanimidade no meio espírita, expresso por calorosos debates sobre a existência ou não dos capelinos na formação da população do nosso planeta,

entendemos que existe uma mensagem implícita no interior das mensagens transmitidas em livros por Emmanuel, através de Chico Xavier, no livro “O Caminho da Luz” e Edgard Armond em “Os Exilados de Capela”.

Partimos do princípio de que nem sempre o avanço científico corresponde mecanicamente ao avanço moral de uma civilização. O avanço científico, fundamental para a melhoria das condições de vida de todos os seres humanos, se desprovido de sentido e preso às amarras da alienação e do estranhamento do trabalho, constitui-se em ferramenta que propicia a animalização dos seres humanos que controlam os seus resultados.

A mercadorização da ciência e seus resultados podem transformar os seres humanos, como bem disse Rousseau em o “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, em feras selvagens, desprovidas de racionalidade, que devoram a si mesmas. A luta pelo poder, o orgulho e a vaidade corrompem os seres humanos, jogando-os uns contra os outros em um processo de degradação constante, algo similar ao relatado em Capela a milhares de anos.

O conjunto de palestras que será aqui transcrito carrega estas preocupações. Trazer a experiência capelina remetendo-a às particularidades em curso em nosso planeta e recuperar o caminho para a prática do bem demonstrada no Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec.

Este livro é um convite à reflexão e o apontar de caminhos para a superação da tragédia humana expressa na crescente indiferença ao sofrimento e a solidão alheia a todos nós.

Que Jesus abençoe a todos nós...

Os Conflitos de Capela

O desenvolvimento e evolução dos seres humanos na Terra sofreram influências da história de povos distantes do seu planeta. A constituição das transformações sofridas pela espécie humana é mais complexa do que aparenta ser e atende a imperativos evolutivos que sustentam toda a vida inteligente.

A história do Planeta Capela em muito nos ajuda a interpretar a evolução dos seres humanos na Terra. Quem nos elucida sobre tão complexo assunto foi Emmanuel, cujo nome significa "Deus está conosco". Em suas antigas encarnações, ele foi um sacerdote no Egito e um senador romano que viveu no período em que Jesus esteve encarnado na Terra, atendendo pelo nome de Públio Lentulus. Encarnou como escravo na Síria, um bispo em Lyon, na França, entre tantas outras. Ele é um espírito de grande grau evolutivo que trabalhou com o médium brasileiro Chico Xavier.

A história dos Exilados de Capela é fundamental para compreendermos os desígnios da espécie humana. Emmanuel nos conta que Capela é uma estrela, pertencente à constelação de Cocheiro, cuja localização fica a 45 anos-luz da Terra. Ela é gigantesca e seu brilho é cerca de 150 vezes maior do que o sol de nosso sistema. A sua cor é amarela e sua composição é fluídica.

Capela se insere em um conjunto de quatro estrelas em diferentes níveis vibratórios. Quando nos referimos às explicações de Emmanuel, ele denomina Capela como um planeta e não uma estrela. Temos a hipótese de que o planeta semelhante à Terra por

ele narrado se encontra em outra dimensão. Provavelmente, a semelhança com a Terra se deu por questões sociais e morais que se desenvolvem independentemente do plano físico em que está um planeta ou uma civilização.

A astronomia e a física quântica atuais nos revelam que o sistema de Capela é composto por 4 estrelas binárias gigantes que coexistem em dois pares, produzindo grandes distorções e forças gravitacionais. Elas têm a composição de sóis gigantes e, de acordo com os princípios físicos que regem o universo, a força gravitacional gerada no sistema impede a existência de planetas em dimensão e composição físicas similares à Terra.

Emmanuel nos conta haver aproximadamente 10 mil anos, os habitantes do planeta Capela passavam por um grande processo de transformação evolutiva e moral. Ele atingira um alto estágio de avanço tecnológico, com seus cientistas desvendando os segredos da natureza através de notáveis avanços propostos pela ciência. As suas construções arquitetônicas eram belas e avançadas. A medicina, física, química, artes e as ciências da humanidade passaram por processo similar ao que ocorreu na Terra no século XIX.

Contudo, os avanços tecnológicos não foram acompanhados pelos avanços morais. Capela não conseguiu erradicar a existência de pobres e miseráveis que não tinham acesso às maravilhas proporcionadas pelas descobertas científicas.

Quanto mais a ciência avançou, maiores disputas despertaram entre aqueles que a controlavam. A possibilidade de controle da ciência e seus resultados, em prol de interesses

próprios por frações das classes dominantes, acabou por gerar conflitos crescentes e sofrimentos.

Todas as descobertas da ciência, que poderiam proporcionar avanços sociais e tecnológicos significativos, acabaram por se perder em um universo de disputas e lutas pelo poder. Quanto mais a ciência avançou, mais aqueles que a utilizavam se serviam dos seus próprios interesses, desprezando os necessitados. O que estava em disputa era a busca pelo poder e o enriquecimento, independentemente dos custos sociais para este fim.

A ciência que fora desenvolvida como a extensão dos braços daqueles que a produziam, acabou por transformar a maioria dos capelinos em braços de uma tecnologia que não compreendiam.

As pesquisas sobre a indústria de remédios implicaram a instauração de novas doenças desenvolvidas a partir da manipulação genética dos animais. Elas foram soltas no planeta para infectar pessoas e criar a necessidade da produção de remédios para combatê-las.

As doenças passaram a ser cada vez mais difundidas e a expectativa de erradicação foi esquecida. Toda vez que uma doença perdia sua eficiência, uma nova era inserida entre os habitantes e, com efeito, os respectivos medicamentos para combatê-la. Com efeito, aqueles que controlavam a ciência e seus resultados enriqueceram, enquanto os mais pobres, que não tinham condições de adquirir meios para a sua sobrevivência, morriam aos milhares.

A ganância cegou os detentores do poder. Tal qual um vício em entorpecentes, quanto mais poder obtinham, mais o desejavam, criando um círculo vicioso sem fim. Na prática, como feras famintas pelo poder, começaram a se atacar uns aos outros. A busca desenfreada pelo poder atingiu todos os segmentos sociais. Enquanto os pobres eram desprovidos das condições básicas, os mais abastados eram consumidos pela futilidade de suas próprias existências.

A ciência, em vez de atuar como uma ferramenta para a erradicação da fome e das necessidades capelinas, transformou-se em uma máquina de criar necessidades. A alienação em larga escala difundiu o princípio de Narciso, concretizando um universo de pessoas fúteis e indiferentes umas às outras.

Os habitantes capelinos se olhavam nos espelhos e não mais se reconheciam, desejando ser quem não eram. O envelhecimento, um padrão natural da existência, passou a ser combatido e difundido como sinônimo de fracasso e feiura. A difusão destas ideias visava dominar as suas mentes, entendendo a beleza como um fenômeno externo e não interior. Em vez de a ciência agir no intuito de dar condições para que os capelinos envelhecessem sem doenças, o que se buscava era apenas a manutenção da aparência enquanto fenômeno sensual.

O resultado disso foi que uma parcela considerável dos capelinos sequer tinha acesso aos resultados deste ramo científico, bem como aqueles que o tinham, se tornaram mesquinhos, fúteis e manipulados. O fetichismo ao inútil imperou em Capela. A incompreensão entre os irmãos, acompanhada do afastamento dos princípios e causas divinas, acabou por fomentar o ódio e a

intolerância. Os conflitos tomaram tal envergadura que o próprio caminho evolutivo começou a ser afetado.

O planeta Capela se transformou em um palco de conflitos e energias negativas. Os capelinos olhavam no espelho e não mais se reconheciam, entendendo-se como espectros de si mesmos. A luta entre o bem e o mal se acirrou e as formas de ver, interpretar e agir passaram a limitar a coexistência entre os habitantes.

Em nome da futilidade, as frações de classe, que controlavam a ciência, buscavam a qualquer custo fontes de energia e matérias-primas para o desenvolvimento maciço dos seus produtos, entraram em conflito. Os centros mais ricos passaram a atacar os mais pobres. Na busca dos seus interesses, pouco importava se os excluídos sofressem danos irreversíveis, inclusive com o fim de suas próprias vidas. O único objetivo era garantir o funcionamento das máquinas de futilidades mundializadas.

Na busca destes interesses, a corrida armamentista cresceu. Quanto mais forte fosse militarmente um grupo, maior poder teria de subjugar aqueles com quem disputavam. O exaltar das guerras foi uma questão de tempo. O crescimento da ganância elevou os conflitos gradativamente. O planeta Capela se transformou em palco de guerras que custaram a vida de muitos capelinos.

O sadismo dos governantes cresceu exacerbadamente. O enfraquecimento das condições morais possibilitou que os mais sombrios pensamentos fossem expressos sem qualquer precaução ou arrependimento. Enfraquecidos moralmente, os principais líderes políticos passaram a caçoar das condições precárias de vida de

parcela da população que perecia em função das doenças e das guerras. O enlouquecimento foi tal que perderam a dimensão sobre a responsabilização dos seus atos.

O exaltar destes conflitos ocorreu por ocasião de uma guerra atômica, ocorrida há 7 mil anos, que quase devastou Capela. Dois terços de sua população desencarnaram e o caos generalizado se instaurou no planeta. Nos conta Chico Xavier que, em encarnação passada, ele foi o responsável pelo lançamento de uma destas bombas atômicas, recebendo ordem direta do presidente de sua nação, uma antiga encarnação de Bezerra de Menezes.

Quais foram os desdobramentos deste processo? O que ocorreu com os sobreviventes? Qual caminho tomou Capela? Na próxima semana, continuaremos esta explanação procurando responder a esta pergunta.

Que Jesus abençoe a todos vocês!

O Exílio¹

Meus irmãos. Boa noite. Hoje, em continuidade ao que debatemos na semana passada, abordaremos os desdobramentos da falência moral que ocorreu no planeta Capela.

Os conflitos construídos gradativamente foram implacáveis aos capelinos, causando o sofrimento de muitos dos seus habitantes. O Cristo percebeu que Capela vivia um grande conflito moral e aqueles irmãos capelinos mais atrasados impediam o desenvolvimento e evolução dos mais avançados espiritualmente.

Emmanuel nos conta que em Capela existiam milhões de espíritos que não se alinhavam com os princípios do bem. Nos princípios da Justiça Divina, baseada na misericórdia e possibilidade de redenção sem limites, foi decidido pelos governantes espirituais do orbe, que tinham como expoente central o Cristo, o exílio dos espíritos capelinos corrompidos moralmente. De acordo com os princípios da Justiça Divina, a decisão foi localizar estes espíritos e encaminhá-los para um outro mundo para seguirem o seu caminho evolutivo.

Este é um fenômeno que ocorre em diferentes sistemas, promovendo a retirada dos espíritos que não se alinham com os princípios morais existentes. Esta ação objetiva não prejudicar aqueles que estão em um patamar energético mais elevado e, ao mesmo tempo, elevar a vibração do planeta, possibilitando o crescimento coletivo.

¹Esta palestra foi inspirada a partir das reflexões de Haroldo Dutra.

Estes milhares de espíritos foram informados do processo que estava em curso e do planeta ao qual habitariam no futuro. Jesus afirmou a todos que não deveriam perder a esperança, pois o que estava sendo imposto era condição essencial para o seu crescimento moral e evolutivo. Como manifestação de fé e esperança naqueles povos, prometeu que encarnaria entre eles no futuro.

Emmanuel apontou este processo, descrevendo em detalhes o que ocorreria. Ele disse: Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes. Ele demonstrou que aquele ato, por mais que parecesse violento, era o caminho para a reconciliação daqueles seres com eles mesmos. As dificuldades que a eles se apresentariam eram a forma de se reencontrarem por meio do crescimento de suas consciências, solidariedade e do amor, regenerando a todos.

Jesus os abençoou e envolveu-os com sua misericórdia e caridade, prometendo sempre estar ao seu lado, ajudando-os nas dificuldades que estavam por vir.

Os Exilados de Capela, entendidos por alguns como os anjos caídos do céu, migraram para a Terra, um planeta atrasado em comparação ao seu planeta natal, como forma de segregarem os erros cometidos. A decisão foi cumprida e os exilados foram retirados dos esplendores da luz e encaminhados para as sombras escuras de um novo mundo em fase evolutiva e vibratória muito mais baixa.

Eles encarnariam gradativamente entre as raças ignorantes e primitivas, deixando de lado a glória que lhes fora oferecida de viver em um mundo mais avançado. De início, foram recebidos em uma colônia espiritual e ali se prepararam para iniciar nova jornada evolutiva como integrantes da raça adâmica.

O objetivo foi que recuperassem sua condição moral encarnando em um mundo menos desenvolvido ao qual poderiam contribuir com o seu desenvolvimento, resgatando suas expiações passadas. Os primeiros exilados foram os mais atrasados. Eles encarnaram na Terra como Homo Erectus e propiciaram, aos selvagens que aqui já habitavam, o desenvolvimento de conceitos rudimentares de higiene, organização social, entre outros.

Os mais evoluídos encarnaram posteriormente. Apesar de estarem entre aqueles que tinham deficiência moral, estavam em um estágio de desenvolvimento mais avançado.

Estes espíritos, que chegaram posteriormente, formaram o que até hoje a ciência terrestre procura provas, o elo perdido. Em outras palavras, eles são as explicações que demonstram como a humanidade saltou tão rápido de períodos primitivos para os mais avançados, através de avanços tecnológicos, artísticos e filosóficos.

A base da formação das etnias da Terra foram os povos africanos. Seus ensinamentos se deram por meio da vida tribal em harmonia com os recursos naturais e os princípios do pacifismo.

O segundo povo que aqui se instalou foram os asiáticos, tendo como protagonistas os chineses. Eles trouxeram os princípios da paz e da humildade, o povo em que Jesus desejou as suas bem-aventuranças. Contudo, tinham em seus princípios de

vida o isolamento perante as outras culturas. Uma cultura milenar, ao se fechar para as outras, acabou por escorregar nos princípios do egoísmo.

Os hindus eram o povo mais espiritualizado de todos os de Capela. Conheciam a reencarnação, a meditação e os princípios da vida após a morte carnal. Contudo, apesar do seu elevado grau de conhecimento espiritual, eram vaidosos. Preferiram escravizar, do que educar. Na Índia ocorria uma divisão social truculenta entre árias e párias. Eles eram egoístas e queriam dominar todos os semelhantes. Esta marca em suas ações impedia o trabalho regenerador do Cristo.

Os egípcios foram outro grande povo, cuja ciência estava muito além do seu período histórico em que aqui se apresentou. Eles eram um povo que possuía o menor número de débitos. As pirâmides revelavam os seus mais avançados conhecimentos. Eles lidavam com a morte de forma espontânea e se comunicavam com os espíritos. A sua paixão pelas estrelas era cativante.

Os hebreus eram os mais crentes e necessitados. Eram fraternos e altivos entre si. Eles vieram para a Terra com os egípcios. Os seus livros possuem palavras repletas de simbologias, cujas parábolas permitiam penetrar em seu pensamento monoteísta. Eles possuíam o maior número de débitos. Por isso, Jesus nasceu entre eles. Eram orgulhosos e vaidosos. Menosprezavam os ignorantes e buscavam o exclusivismo religioso. Procuravam o paraíso, contudo o queriam apenas para si mesmos.

Os arianos foram responsáveis pela criação de todas as nações europeias. Na sua maioria, eram espíritos revoltados com a sua condição de exilado. A sua revolta era tal que eles tinham vontade de guerrear com o Criador. Imaginavam construir outro paraíso na Terra, se sentindo soberbos quanto ao seu destino.

Apesar da sua violência e revolta, conseguiam se confraternizar com os povos selvagens que aqui habitavam, mesmo que fosse apenas para dominá-los. Eles tinham o coração frio e insensível e não queriam ter sentimentos para evitar o sofrimento. Instauraram na terra um regime de orgulho e vaidade tão grande que se tornou difícil tocar o seu coração. Sabiam que se uma brecha de luz entrasse em seus corações, uma nuvem de angústia invadiria as suas almas? Foi por isso que Jesus sempre designou missionários aos arianos, pois precisavam de um coração que os envolvesse. Eles criaram o senso de propriedade e naturalizaram as guerras mais violentas.

Esta oportunidade de redenção moral foi o pressuposto apresentado a muitos capelinos como forma de se redimirem dos erros do passado. Caso permanecessem em Capela, não conseguiriam viver em um mundo avançado moralmente. O que a Justiça Divina objetivou foi a depuração moral de todos os capelinos envolvidos.

A Terra recebeu espíritos oriundos de outros mundos que se misturaram com os seus próprios habitantes. Este processo possibilitou a aceleração de conhecimentos e avanços para a humanidade. Ocorreram mudanças genéticas que proporcionaram que os corpos deixassem sua forma grotesca e assumissem a dimensão futura do Homo sapiens.

O planeta precisava desenvolver condições materiais e espirituais para o seu crescimento moral e intelectual. O seu desenrolar propiciou o desenvolvimento da humanidade e, a partir daí, espíritos oriundos de outros planetas começaram a aqui encarnar.

A humanidade é constituída por uma mistura de espíritos vindos de diferentes locais e dimensões do universo. A raça adâmica, nome dado aos expulsos de Capela, representa os espíritos mais elevados que aqui renasceram. O próprio termo "raça adâmica" tem origem no nome Adão, que simboliza a criação da espécie humana criada por Deus. De acordo com Emmanuel, eles permitiram que os habitantes primitivos da Terra evoluíssem de forma mais rápida, propiciando estes aprendizados e descobertas para recuperar as dívidas passadas em seus mundos de origem.

Os mais avançados e depurados espiritualmente elevaram a sua sensibilidade, permitindo lembranças dos saudosos tempos de suas condições anteriores. O poema a seguir retrata a esperança de um dia retornarem ao seu mundo de origem.

Oh, Estrela radiante,
que brilha assim tão distante,
enevoando os olhos meus!
Quando as lágrimas de saudade,
perdidas na eternidade,
procuram as mãos de Deus!

Oh, Estrela radiante,
tua beleza é um diamante a refletir mundos de Luz!

Locais de eterna bondade,
são fontes de felicidade que nossos destinos conduzem!

Oh, Estrela radiante,
concede a esta alma errante a ventura de te conhecer!
Nos teus reinos esplendorosos.
em meio a corpos vaporosos,
meu espírito quer viver!

Oh, Estrela radiante
tu és a alegria constante,
que a humanidade chama de Céu!
Morada de Luz resplandecente,
onde a alma volita contente
e o conhecimento derruba o Véu!

Oh, Estrela radiante,
meu coração pulsa incessante
toda noite quando te vejo!
Por ti eu sigo adiante,
buscando em um mundo distante,
a felicidade que tanto almejo²!

A discussão sobre os Exilados de Capela nos coloca múltiplos desafios em compreendermos os caminhos que tomamos em nosso planeta. Estaríamos repetindo as experiências passadas, arriscando cair novamente em processo de depuração? Seria a história de Capela apenas um mito sem qualquer influência

²<https://almadepoeta.com.br/o-espírito-santo-na-umbanda-e-uma-conversa-sobre-os-capelinos/>

em nossa realidade? Como devemos agir em face da degradação moral que atinge todo o nosso planeta? Devemos resistir, produzindo novas práticas centradas na benevolência e na indulgência, ou apenas reproduzir de forma acrítica o que vivenciamos? Qual é o papel dos espíritas no processo de transição? Estas são questões que ficam em aberto para a nossa reflexão.

As palestras que serão ministradas nas semanas seguintes abordarão temas que tratam da prática da benevolência, indulgência e do amor ao próximo. Possíveis formas de resistência à precarização moral das condições de vida em nosso planeta. Nelas, serão retomados os princípios do Evangelho Segundo o Espiritismo com o intuito de que não nos percamos em nosso caminho.

Que Jesus abençoe a todos vocês!

A Vida e a Morte

O Espiritismo trouxe à tona a discussão sobre a vida e a morte. Até então, as pessoas acreditavam em uma única existência material, vivendo em tristeza e desespero quando do desencarne dos seus parentes e amigos queridos. A sensação era a de perda total e absoluta. A morte significava a separação total e definitiva, trazendo grande sofrimento a todos os envolvidos.

O sentido da morte absoluta fomentou a dominação humana em toda a história. A manipulação do sofrimento foi utilizada para controlar o medo das pessoas do sobrenatural.

A morte, entendida como um processo irreversível, possibilitou a instauração de amplos processos de submissão e dominação. O entendimento dos desencarnados como fantasmas ou demônios acabou por empobrecer a compreensão do sentido da vida tanto no mundo material, quanto no espiritual.

Começamos nossa explanação esclarecendo alguns princípios. Pode até parecer estranho usar a denominação morte, visto que os espíritos nos ensinam que ela não existe. O que aqui demonstramos é uma outra explicação para a palavra morte. O que significa estar morto para o espiritismo?

Partamos do princípio das provas e expiações, atribuindo cada nova encarnação como uma escola da vida. Muitos nos perguntam: o que é prova e expiação?

As expiações são as experiências vividas, que fracassamos em superá-las, trazidas das encarnações passadas. Elas são as

dívidas e desafios que se apresentam no presente e no futuro. As provas são similares àquelas que fazemos na escola. Nela são colocadas questões que demonstram o nosso aprendizado, dando aval para seguirmos ou não em frente. O conteúdo das provas são as expiações que trazemos do passado.

Nós não temos como fugir do que devemos superar, pois definimos os caminhos a trilhar em nossas novas encarnações. Certa vez, assistia a uma palestra muito ilustrativa de Haroldo Dutra Dias em que ele afirmou: um dos grandes problemas que enfrentamos é que, em qualquer lugar que vamos, nós levamos a nós mesmos.

Observem. Quando temos limitação em lidar com determinadas situações e não conseguimos superá-las, elas sempre se apresentam novamente em nosso caminho. Vivemos em um loop de visitar circunstâncias que não conseguimos lidar. Por outro lado, quando aprendemos a lidar com ela, temos a impressão de que desaparece de nossas vidas, ao qual o que era difícil se torna fácil.

Nós sempre temos dificuldade em lidar com o novo. Platão, quando refletiu sobre a educação, disse que o conhecimento novo se apresentava como uma espécie de monstro interior em nossos pensamentos. O não saber é sinônimo da nossa incompetência para as coisas da vida. Contudo, poderiam vocês me perguntar. Qual é a relação destas afirmações com o sentido da redefinição da morte proposta pelo espiritismo? Eu lhes respondo, tudo.

A vida é uma escola de aprendizados contínuos. Nós temos a possibilidade de aprender com o que acontece à nossa volta,

construindo lições e experiências. Contudo, nem sempre estamos dispostos a seguir este caminho. Muitos têm dificuldade de compreender que os problemas que vivenciamos estão em nós mesmos e não nas outras pessoas. Esta é a diferença que existe entre aqueles que se repensam e vivem com os que não se repensam e morrem. Eles estão vivos externamente, contudo, mortos emocionalmente. Em alguns casos, o ódio e a inveja são os resultados daquilo que não conseguimos ressignificar.

A parábola do boxeador ilustra esta afirmação. Certa vez, um boxeador recebeu um soco direto do seu oponente. Ele caiu no chão em desespero. Por alguns segundos, perdeu a esperança sobre a possibilidade de vencer a luta. Ficou sem forças e entendeu que não mais conseguiria se levantar. Ele estava em um dilema. Ficar no chão, aceitando passivamente a derrota, ou se levantar e entender o motivo pelo qual foi nocauteado. Ele usou de sua força interior e conseguiu se levantar. Analisou seu oponente, mudou sua estratégia e o nocauteou.

Este é o sentido espiritual de estar morto ou vivo. O morto fica no chão por definitivo. Lamenta a derrota e se sente abandonado por todas as forças divinas, utilizando a situação como desculpa pelo seu fracasso. Ele foi vencido porque foi abandonado e o oponente não. Aquele que o venceu não tem mérito algum.

O vivo tem postura diferente. Ele cai, se levanta e luta. Ele tira lições da sua queda. A vitória é o fruto das suas experiências e aprendizados. As lições com a queda o transformam em um titã, solidificando sua compreensão sobre as dificuldades e as formas de superá-las.

A morte absoluta não existe, logo estamos vivos. Contudo, estar vivo significa aprender com nossos erros, condição essencial para combater a frustração e a infelicidade constante. A nossa luta diária é por estar vivos em sua plenitude. Precisamos dar sentido à nossa encarnação e não morrermos pela nossa insignificância e insensatez.

Desafios para as Casas Espirituais

Continuemos nossas reflexões sobre a vida e a morte. A morte é o maior temor da humanidade. Ela é a demonstração radical de que não temos o controle que gostaríamos da nossa vida. Independente de seguir esta ou aquela religião, a certeza que temos é que nossa vida encarnada tem início e fim, e isso não conseguimos controlar. O desencarne é a prova mais cabal de que não somos nós que estamos no controle.

Pergunto a vocês, meus irmãos. Podemos afirmar com toda a certeza de que estaremos vivos no minuto seguinte? Por mais que tenhamos esperança por dias melhores, e eles ocorrerão, chegaremos intactos em nossa residência? Como será o dia seguinte? Estas e outras perguntas se apresentam e nos deixam inseguros.

O sentido da morte foi explorado por vertentes religiosas para controlar o medo dos seres humanos sobre aquilo que não controlam. Isso só foi e ainda é possível em virtude de a morte abalar a nossa existência. Como dissemos, a humanidade sempre tenta controlar o que existe em sua volta, quer sejam suas ações, sentidos, objetivos e aspirações.

As religiões que deturparam a relação entre a vida e a morte se aproveitaram deste anseio para impor prerrogativas. Basta seguir o que te mandam que terão o controle sobre aquilo que fazem. Nós te absolvemos desde que faça algo que pedimos. Não o façam e estarão perdidos em sua condução da vida. Nós dizemos como devem viver, caso contrário, serão punidos etc.

Ocorre uma luta radical pelo controle do livre arbítrio humano. Não é difícil manipular o pensamento daqueles que estão desesperados e sem esperança. As causas do desespero estão ligadas à incapacidade que temos de tomar as rédeas de nossa vida em fases difíceis. Sempre buscamos respostas rápidas para situações das quais queremos nos livrar o mais rápido possível. Na prática, não faltam pessoas para nos dizer o que devemos fazer e queremos ouvir.

A sensação do poder em dominar o outro é tão forte que muitos trabalhadores de casas espirituais se voltam uns contra os outros por este pretensão direito. Infelizmente, no próprio espiritismo, uns se digladiam contra os outros pela reverência e reconhecimento dos consulentes. Acabam por se achar mais importantes do que os seus próprios mentores. Alguns, desavisados e corrompidos pelo poder, esquecem-se de que são instrumentos trabalhando em conjunto com a espiritualidade.

Não existe ação mais elaborada, e a espiritualidade nos fornece inúmeros exemplos, do que as investidas umbralinas voltadas a desestabilizar uma casa espiritual, jogando os trabalhadores uns contra os outros.

Quando uma casa entra em desarmonia, períodos em que a vaidade supera a humildade, o trágico destino que a espera é o fechar de suas portas. Em outros casos, apesar de abertas, perdem a credibilidade e deixam gradativamente de existir, pois a sua porta permanece aberta para o público, mas fechada para a espiritualidade.

Algo similar ocorre em outras religiões. Aqueles que rodeiam os sacerdotes começam a disputar entre si o poder de suas instituições, ficando em segundo plano a missão maior que é transmitir a mensagem do Cristo e ajudar os necessitados. Lutam para serem mais ouvidos e se confundem com o próprio sacerdote, querendo assumir o seu lugar.

Aqueles que são delegados a falar em nome do Cristo têm grande responsabilidade. Tal qual em uma escola, os seres humanos olham o conhecimento evangélico que todos têm e, em igual importância, as pessoas que nós somos expressas em nossas atitudes.

Pertencer a esta ou aquela implica que os seus fundamentos estejam dentro do nosso coração. Quando isso não é considerado, estamos dentro dela apenas para o fetiche e a convivência social e não como soldados de Cristo. Na prática, nossas palavras perdem o conteúdo e significado, transformando-se em algo similar a um revólver sem projéteis, cuja finalidade não supera a de um adereço.

Os consulentes, párocos, fiéis, ou qualquer outra denominação que se possa existir, observam as disputas e falta de cuidados entre os trabalhadores da casa espiritual e, ao não verem correspondência entre as palavras ditas e ações adotadas, dela se afastam.

Na prática, a casa evangélica morre estando viva, e seus trabalhadores são condenados, em seu devido tempo, à desmoralização social. Uma casa espiritual só está viva quando consegue perpetuar a humildade e respeito entre os seus

trabalhadores e àqueles que ali frequentam. Caso contrário, a morte é o seu destino implacável e irrefutável.

Como trabalhadores de uma casa espiritual, não podemos nos esquecer do nosso papel de ajuda à espiritualidade, sendo ela quem cabe definir os rumos que serão tomados e as ações que serão adotadas.

Os trabalhadores encarnados não são mais importantes do que os mentores que com eles trabalham. Eles não podem e não devem se confundir com os seus mentores, ao serem diferentes. Ambos são espíritos que trabalham em funções distintas por uma causa comum, o bem-estar e aprendizado dos consulentes encarnados e desencarnados.

Nós não podemos esquecer quem somos, agindo pelo duplo princípio de ser verdadeiro e difundir o bem, evitando fazer aos outros o que não gostaríamos que fizessem conosco. Nós devemos nos comprometer a cumprir da melhor forma possível as obrigações que nos foram delegadas, respeitando as nossas limitações e possibilidades.

Não existe ato maior de grandeza do que se preocupar com o bem-estar alheio, nos sentindo felizes ao ver a felicidade daqueles que estão à nossa volta. A felicidade de um rosto em desespero e lágrimas ser substituído por um sorriso e expressão de esperança é uma recompensa para aqueles que lutam pelo bem-estar da humanidade.

Quando vemos a felicidade nos olhos dos outros, abrimos a porta para que ela esteja em nosso coração. Que Jesus abençoe a todos vocês.

A manipulação do medo.

Em alguns casos, infelizmente, a religião é usada como forma de manipulação do medo. A manipulação é uma ação que retira o potencial emancipatório de qualquer religião, reduzindo sua capacidade de mediação com o Criador.

Os princípios antigos expressos em mitos e representações foram ressignificados para criar formas de dominação. O paganismo é um exemplo. Ele tem origem nos povos antigos e rurais que habitavam em locais remotos, onde o cristianismo ainda não era conhecido. Como não entendiam os fenômenos que ocorriam à sua volta, os atribuíam às forças da natureza, criando deuses para este fim.

O paganismo deu origem a diversas crenças, rituais, cerimônias. Em sua dimensão teológica de interpretação dos fenômenos da vida e da morte, acreditam em lugares específicos onde iam as almas após a vida terrena, sejam locais de sofrimento ou de redenção.

O Tártaro é um exemplo de local de sofrimento eterno. Na mitologia romana, tal qual afirma Virgílio, no livro VI denominado como Eneida, corresponde a um lugar de grandes dimensões, rodeado por um rio de fogo, cujo nome é Flegetonte. Toda a sua área é cercada por altas e triplas muralhas voltadas a impedir a fuga de todos os pecadores. O Tártaro é um local de sofrimento eterno.

Na mitologia romana, quem comanda o Tártaro é o deus Plutão e, na grega, o deus Hades. Plutão ou Hades jamais sairiam

do Tártaro. Na mitologia grega, Hades foi exilado por Zeus, após a tentativa de controlar o Olimpo com a morte do deus Cronos. Estes aplicam penas às almas faltosas quando estão encarnadas na Terra. Entre elas, está a condenação ao sofrimento no tanque das Danaides, cujo conteúdo é azeite fervente. Nele, as almas são condenadas a permanecer pela eternidade.

Outro castigo consiste em as almas serem condenadas a empurrar a roda de Íxion em um eterno expurgo de seus pecados. Os condenados também são obrigados a empurrar uma rocha até o topo do rochedo de Sísifo. Contudo, quando se aproximam do fim, a rocha escorrega e o percurso novamente se inicia, consolidando o sofrimento por toda a eternidade.

Os pagãos aceitavam a existência de lugares de redenção e tranquilidade àqueles que possuíam merecimento por seus feitos, seja pela honra e a coragem, seja por atos de bondade.

Os povos vikings acreditavam na existência do Valhala. Ele é um palácio dos mortos heroicos, com mais de 540 quartos, situado em Asgard e governado pelo deus Odin. Ali, metade dos mortos em batalha é levada pelas Valquírias para viver junto a Odin e a outra metade, pela deusa Freia, para habitar os campos de Folkvang, onde treinam combate para manter a forma à espera do Ragnarok, cujo significado é o dia do fim do mundo.

Os gregos acreditam na existência dos Campos Elísios, um local de morada para os espíritos que fizeram o bem quando estiveram na terra. Ele é entendido como o paraíso na mitologia grega, com verdes pastagens e flores abundantes, onde as pessoas dançavam e se divertiam constantemente.

De acordo com a mitologia grega, neste local só entravam almas de heróis, sacerdotes, poetas e deuses. Alguns destes poderiam regressar ao mundo dos vivos. Isso só era possível quando se deleitavam nas águas do Rio Lete, entendido como o rio do esquecimento. Os seus habitantes ali permaneciam por cerca de 1000 anos e, quando todas as lembranças terrenas eram apagadas, podiam reencarnar, sejam como humanos ou animais.

Daí surgiu a ideia de céu e do inferno, tal qual dissertou Kardec em brilhante obra com o mesmo título. A teologia cristã copiou a ideia do tártaro dos povos bárbaros e a renomeou como inferno. Da mesma forma, transferiu a ideia de Campos Elísios, renomeando-o como céu.

Este é o princípio de considerar o céu como o que vem do alto e o inferno como o que está embaixo. Contudo, no universo não existe o que está em cima ou embaixo. O universo trabalha com fontes, energias em vibração e múltiplas dimensões que superam os conceitos terrenos tridimensionais.

O que ocorreu foi que a teologia cristã pegou o conceito de tártaro e o usou como ferramenta para despertar o medo e controlar as pessoas. Em sua ânsia por dominar os seres humanos, usou o termo inferno para sobrepôr a justiça humana à justiça divina.

Na justiça humana, as penas são proporcionais aos atos cometidos. Uma concepção teológica está intrínseca a esta concepção. Nela, o inferno será o local ao qual a alma vagará por toda a eternidade, onde o diabo assume a função de agente executor, similar a Hades ou Plutão.

Um local onde as pessoas nunca terão oportunidade de aprender com os seus erros, evoluindo e crescendo para o futuro. Da mesma forma, quando está nos Campos Elísios ou no Valhala, a sua redenção será eterna no céu. Em ambos os casos, os desencarnados são apartados do seu crescimento espiritual. Nos Campos Elísios, os anjos tocam arpas dia e noite sem parar. As ruas são calçadas com peças de ouro, tal qual o telhado do palácio de Odin em Asgard, mesmo o ouro não tendo nenhum valor no plano espiritual.

Qual é o motivo desta resignificação? A resposta parece simples e, ao mesmo tempo, triste. O que ocorreu foi a criação de um mecanismo psicológico para controlar os seres humanos por meio da culpa e do medo. Os indivíduos ficam com medo das consequências dos seus atos, podendo ser facilmente manipulados e controlados por aqueles que se dizem oradores divinos.

Esses interlocutores se colocam como porta-vozes da ação divina sem ter nenhuma autoridade para este fim. Eles são os manipuladores do medo e da ignorância daqueles que deveriam exaltar o crescimento e a libertação espiritual. Buscam apenas os seus próprios interesses, justificando-os como se fossem os de Deus.

Este é um dos motivos pelos quais tanto se matou em nome de Deus na história. Guerras, execuções por bruxaria, queima de livros, enforcamentos, entre tantos outros, exemplificam esta afirmação.

Toda religião deve libertar os seres humanos e não os escravizar. O nível de manipulação foi tal que até se criaram entidades malignas para garantir a dominação coletiva pelo medo.

O diabo nunca foi uma entidade. Ele vem da palavra latina *diabolus* e originária do grego, cujo significado é acusador, caluniador, ou seja, pessoa que comete calúnia e atenta à moral de outras pessoas sem se importar com as consequências. Ele é um estado de degradação moral e não uma entidade. Já o termo demônio, vem do termo em inglês *damon*, cujo significado é indivíduo inteligente.

Belzebu foi um dos deuses dos acaronitas. Os acaronitas habitavam a cidade de Acarona (ou Ecrom), na Filisteia. De acordo com Samuel, 5:10, a eles foi enviada a arca de Deus. Quando ela chegou à sua cidade, os acaronitas clamaram, dizendo: Trouxeram-nos a arca do Deus de Israel, para nos matar como todo o povo!

Eles acreditavam que a chegada da Arca traria doenças e toda a sua população. Este temor propiciou que se construíssem elementos para transformar o seu deus da mosca em um demônio que sacrificaria as pessoas. Na realidade, Belzebu ou Belzebul significa ídolo das moscas na língua santa. Este povo o requisitava para afastar as moscas que proliferavam no verão, visto que as suas questões higiênicas eram precárias.

Ele foi convertido em um demônio, uma invenção dos líderes religiosos que ajudaram a crucificar o Cristo. Como bem afirma Lucas, XI, 15, nas palavras do Apóstolo, "Porém, alguns deles diziam - ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos

demônios:" E no versículo 18, Jesus diz: "Pois dizeis que expulso os demônios por Belzebu".

Os escribas e os fariseus, a exemplo dos ministros do Vaticano, se utilizavam da religião como um meio de dominação dos seus inimigos e ocultavam a origem dos termos utilizados. Eles eram "lobos cobertos com pele de cordeiros".

Já Lúcifer vem do latim *hêlê*/, cujo significado é brilhante e esplendoroso. *Ferens Lucem*, cujo significado é estrela *Vênus*, é o nome dado pelos latinos à estrela da manhã ou vespertina, *Lusbel* ou *Luzbel*, por ser a mais brilhante do nosso sistema depois do sol. *Satanás* nunca foi um ser, mas sim uma palavra oriunda do hebraico, cujo significado é opositor, inimigo ou adversário. O termo significa uma atitude e não uma entidade.

A criação destes seres imaginários foi realizada para controlar as pessoas, obrigando-as a ter uma postura tímida perante as religiões dominantes. A punição foi utilizada como ferramenta de chantagem, sendo estes seres imaginários os carrascos para este fim, atuando similarmente aos povos pagãos.

Quem não fizesse o que estes líderes religiosos mandassem, seria castigado e condenado por toda a eternidade. O medo foi tal que muitos se submetiam a qualquer situação, alienando-se de si e do mundo à sua volta. Estes líderes religiosos se colocaram como precursores do salvacionismo e manipuladores das vontades humanas através de construções míticas.

Reflitamos sobre nossa condição e convicções nesta encarnação. Não nos deixemos iludir por aqueles que nos querem ludibriar. A religião deve emancipar e não subjugar as pessoas. A

busca dos fundamentos históricos e filosóficos da humanidade nos dá elementos para interpretarmos o mundo da forma como ele realmente é. A máxima que aponta que, se o mundo se limitasse à aparência do que realmente é, seria totalmente desnecessário o uso e existência da ciência.

Que Jesus esteja com vocês.

Saudade e Obsessão

Os processos reencarnatórios e as dívidas passadas são grandes questões que se colocam a todos os seres vivos. Não queremos construir leis gerais que reduzam a complexidade de vida a um desdobramento em particular. Falamos isso, pois nosso intuito não é formar fanáticos. O espiritismo não é o espaço do fanatismo e da simplificação das coisas da vida. Ele não é o espaço de formar espíritas que apenas reproduzam palavras e afirmações que não compreendem. Ele é como uma pedagogia do esclarecimento da vida em sua complexidade material e imaterial. Ele apresenta é um leque de possibilidades voltadas a explicar as possibilidades da vida na dinâmica da encarnação e a desencarnação e seus desdobramentos.

As dúvidas que os irmãos tenham só podem ser resolvidas no trato direto com os mentores espirituais em atendimento. Em sua sabedoria, estes honrados trabalhadores têm condições de olhar para além desta dinâmica, inclusive compreendendo se vocês estão preparados para ouvir as respostas que os esperam.

Esta afirmação é muito importante. Duvidem daqueles que oferecem respostas rápidas e mecânicas a situações vividas por vocês que são por eles desconhecidas. Nem sempre elas são ligadas mecanicamente a casos de obsessão espiritual. Por mais que eles existam, e são muitos, podem acreditar, estão presentes também as dificuldades oriundas da vida, cuja superação depende do fortalecimento espiritual que uma casa espírita pode em muito ajudar.

As casas espíritas não são mágicas e não resolvem todos os seus problemas, desconsiderando as suas ações ativas. A espiritualidade caminha com você, oferecendo inspiração e força que permitem superar as suas dificuldades. Contudo, ela não os resolve sozinha por vocês. Como disse uma vez Chico Xavier, caso o espiritismo se apresentasse como a única salvação, podem ter certeza de que eu não estaria nele, pois ali só existiria a mistificação.

A dinâmica da encarnação e reencarnação é complexa e requer cuidados no seu trato. Delas podem vir influências do passado que nem sempre se dão a partir das relações de ódio e dívidas pretéritas.

Utilizarei aqui o exemplo das relações familiares. Afirmamos que dentro delas podem estar tanto as relações de dívidas, como as de compaixão pelo amor. Existem casos em que uma pessoa diz assim. Gosto mais dos meus amigos do que dos meus familiares. Os amigos eu escolho e os familiares vêm junto comigo. Não é difícil ouvir esta afirmação, especialmente entre aqueles que se aproximam da casa dos 69 anos, como este que aqui os fala em conjunto com muitos amigos espirituais.

Os filhos escolhem aqueles que gostariam de ter como pais. Em alguns casos, pela necessidade de recuperação de dívidas passadas, em outros, pela virtude da admiração. Contudo, nem sempre esta relação ocorre sem conflitos, se transformando, quando encarnados, em um grande processo de expiações que deverão ser superados por duras provas de convivência na vida terrena.

Em alguns casos, os pais carregam duros fardos de antipatia e inimizade de vidas passadas. A espiritualidade age para esse fim, apagando de suas memórias os traços que os distanciariam na vida presente. É por isso que vemos casais em que um não tem nada a ver com o outro.

Caso a espiritualidade não agisse desta forma, os dois jamais se aproximariam e o plano encarnatório de uma futura criança não teria êxito. Contudo, por mais que a espiritualidade tenha ajudado, nos traços genéticos dos envolvidos ainda estão adormecidos os elementos que os afastaram no passado. O que observamos é que, de tempos em tempos, eles se manifestam, até para a expiação gerar uma prova que seja posta em execução.

Muitos casais e famílias sucumbem perante esta situação e outros não. Aquelas que sucumbem acabam por não suportar as situações que se apresentam e não têm estrutura para superá-las. Nesse caso, apenas pequenos avanços são dados, especialmente no forte laço que existe através da maternidade e da paternidade. Uma das ações propostas, dentre as muitas possíveis, é que aquelas pessoas sejam afastadas e sigam novos caminhos com quem possam ter afinidade em futuras encarnações.

Por outro lado, os casos que dão certo são sublimes. A beleza de ver inimigos se tornarem amigos é salutar. É uma amizade que ocorrerá por toda a existência, transformando aqueles desafetos em irmãos regidos pelo amor e respeito que em muito trará alegria em seus corações.

Como lhes dissemos, as relações familiares são muito complexas. Temos usado o exemplo de uma família à qual os filhos

crecem e seguem o seu destino. Alguns, em função do trabalho, vão morar em cidades e países diferentes. Eles estão construindo um novo lar com desafios, limites e possibilidades no futuro.

O que acontece quando um dos lados não se conforma com esta situação e adocece? O que está distante fica triste e apreensivo. Em virtude do trabalho, não tem como voltar à cidade natal e perde a tranquilidade de sua vida presente em solidariedade ao pai ou mãe enfermos.

Algo similar ocorre quando desencarnamos. Este processo nos coloca novos desafios no mundo espiritual. Estudos, trabalhos, atividades e aprendizagens passam a fazer parte do nosso cotidiano. Contudo, quando a família sofre e não aceita a partida do familiar, começa a emitir energias negativas de sofrimento que chegam aos desencarnados.

Em alguns casos, aquilo tem um efeito tão negativo e nefasto ao desencarnado, que ele, pelo seu livre arbítrio, presente em todos os planos de existência, opta por voltar para junto dos seus parentes para ampará-los. Por mais que o desencarnado ame a sua família e imagine que a sua presença ali reduzirá o sofrimento de todos, isso não ocorre como o esperado.

O desencarnado estará com as energias desequilibradas e afetará todos os envolvidos. Em vez de ajudar, começará a trazer implicações negativas em todos os eventos em que os familiares estiverem envolvidos. O desencarnado sofrerá por não conseguir ajudar seus entes queridos e os familiares sofrerão pela saudade e o aumento das dificuldades da vida.

Caso estejam vivendo situação similar, pedimos a vocês que entendam que a vida terrena se constitui em uma missão com durabilidade definida, tendo começo e fim. Caso algum parente que tanto amam desencarne, devem entender que isto ocorreu porque sua missão terminou.

A contribuição proposta pelo espiritismo se deu para esse fim. O grande desafio está em entender a vida em uma dinâmica material e espiritual, de modo que a sensação de perda definitiva seja substituída por uma separação momentânea. Desejem que os parentes e amigos que tanto amam sigam o seu caminho. Façam uma oração para serem socorridos e que sejam felizes em uma nova vida repleta de conquistas, aprendizagens e bons convívios.

Lembrem-se sempre deles pelas coisas boas que fizeram e como os ajudaram a ser as pessoas boas que vocês são. O destino deles é o de todos nós. Vivemos em uma dinâmica da encarnação e reencarnação que interliga o passado e o presente como condição de vivermos um futuro repleto de vida e significados.

A encarnação começa por baixo e finda por cima, e não o contrário. Caso imaginemos o contrário, arriscamos perder os aprendizados que nos esperam. Lembrem-se, meus queridos irmãos. Todo sofrimento que passamos tem data de validade. Da mesma forma que ele começa, ele também termina. Tenham fé e esperança de que tudo dará certo para vocês.

Que Jesus os abençoe!

O Espiritismo e o Sentido da Vida.

Jesus caminhava com os seus apóstolos e, em uma região pobre, viu um cachorro morto em decomposição. Provavelmente, já morrera há muitos dias e as pessoas não tomavam a iniciativa de tirá-lo dali.

Os apóstolos olharam para Jesus e disseram.

– Como cheira mal este cachorro! Olhem como é horrível o cheiro podre que exala! Ninguém vai tirá-lo dali? Jesus olha para os apóstolos com um olhar amoroso e diz:

– Olhem só como são lindos os dentes do cachorro.

Sorri, e continua a caminhada.

Com o desenrolar dos seus passos, pergunta aos apóstolos se eles entenderam o sentido do seu comentário. Os apóstolos ficam incrédulos. Não compreenderam nada do que Jesus lhes ensinara. Jesus olha novamente para eles e afirma que precisam ter um outro olhar para a vida. Ele diz:

– O que quero que prestem atenção são os diferentes olhares que podemos ter para a vida. Vocês viram apenas o lado negativo do cheiro do cachorro e Eu vi o lado positivo expresso na beleza dos seus dentes. Este foi o grande ensinamento. Ver as coisas boas e não se limitar às más.

Sabemos o quanto é difícil pensar assim. Dentro daquilo que conseguirem, tentem aprender com o que não está dando

certo em sua vida, buscando causas e ações que lhes propiciem aprendizados que evitem situações similares no futuro.

O que vivemos é uma prova resultante das nossas expiações trazidas do passado. Pedimos serenidade e esforço para superá-las. Nós estamos aqui para ajudá-los e acreditamos nas suas forças de vontade e fé divina para a superação da situação difícil em questão.

Todos os espíritos são imortais e têm condições de superar as adversidades da vida. Elas são difíceis sim e nós não as menosprezamos. O que sugerimos é a perseverança como forma de semearmos uma corrente do bem para colhermos os seus resultados no futuro.

Todos temos dificuldades e suas medidas estão nas formas de expiação que carregamos do passado. Caso encontremos um irmão que passa por provas que para nós são irrelevantes, não os ridicularizemos. Sejamos benevolentes para com eles para podermos tocar os seus corações e ajudá-los em suas necessidades.

Esta fase difícil que passam é uma oportunidade de crescimento espiritual. Sigamos juntos nos ajudando que, com certeza, todos venceremos. Nós não estamos sozinhos e tudo dará certo em nossas vidas.

Tenham fé e esperança, meus irmãos queridos.

Sedes Perfeitos

O Evangelho de Jesus é um grande exemplo para aqueles que querem seguir o caminho do bem. Na realidade, muitos o querem, mas não sabem o caminho e as formas de agir. O Sermão do Monte e suas bem-aventuranças demonstram estes caminhos. Disse Jesus:

– Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus.

Os fundamentos do “sedes perfeitos” nos apontam os princípios para sermos verdadeiros espíritas. Ele está na aplicação prática do Evangelho.

A palavra perfeição deriva de perfeito, que em grego era *téleios*. A maior parte dos escritos que temos de Jesus está na língua grega, e não no aramaico, que era sua língua original. No grego, perfeito significa aquele que cumpre o seu papel e o seu propósito na vida. Este desafio se coloca a todos aqueles que lutam para seguir os ensinamentos de Jesus.

Essas afirmações expressam os grandes objetivos que devem guiar todas as religiões. Elas devem atuar para além do intuito de cooptar pessoas aos seus princípios, mas sim, agir para transformar os seus corações, interferindo para que todas elas se transformem em pessoas do bem.

É por isso que a luta pela construção de seres humanos do bem é o grande objetivo. É o princípio da parábola do semeador. O fruto de uma árvore começa de uma semente com potencial de

frutificar toda a humanidade. A semente só está pronta quando a árvore está totalmente desenvolvida. Na maior parte dos casos, ela sempre vem de cima, e nunca de baixo.

As sementes podem ser jogadas em qualquer terreno, levadas pelo vento e à vontade. Contudo, de acordo com o terreno em que é plantada, está a qualidade da árvore que será gerada no futuro. Jesus comparou o ser humano com uma árvore. Dependendo de sua edificação, está a qualidade dos frutos e das sementes que virão no futuro.

Talvez seja este o principal princípio que norteou a codificação do espiritismo. O sentido dado por Kardec ao princípio do “sedes perfeitos” é que todos devemos ser seres humanos do bem.

Um longo embate está presente na transição planetária, na qual os princípios do bem são postos em xeque por aqueles que não o conhecem. O que está em jogo é um ataque direto a todos os fundamentos do bem. É por isso que é comum ouvirmos dizer que a bondade é uma tolice que os fortes e espertos se dão bem porque são egoístas e pensam apenas em si mesmos. É comum vermos também o incentivo à vingança e ao ódio.

A transição planetária incentiva estes fundamentos e os aperfeiçoa. A ideia é desqualificar o discurso do bem, desestruturando os seus princípios. O individualismo ingênuo é utilizado como estratégia para este fim. A verdade não existe e não devemos ser bons, pois a sociedade é cruel com os fracos e com aqueles que não conseguem construir o seu caminho. Nesta concepção, tudo é relativo e nada pode driblar a individualidade.

Estas concepções acabam por proporcionar a ruína de muitas pessoas, cuja individualidade consolida a sua solidão. Os dizeres de hoje afirmam que as pessoas podem fazer o que quiserem, pois não existem consequências.

Este processo coloca grandes desafios para todos os espíritas. Para a transformação dos seres humanos em sujeitos do bem, temos o desafio de recuperar os pilares que se constroem em fundamentos do bem.

As primeiras sociedades espíritas de Paris eram frequentadas por católicos, protestantes, judeus, muçulmanos, entre outros. Contudo, eles continuavam a frequentar os seus templos, sendo denominados por Kardec como católicos espíritas, protestantes espíritas, judeus espíritas, muçulmanos espíritas, entre outros. Independente de suas religiões, eles acreditavam na reencarnação, imortalidade etc.

Esta afirmação nos coloca fundamentos para entendermos os princípios dos homens do bem. Em outras palavras, o homem do bem não é preconceituoso, pois vê todos como irmãos. Jesus quer que vejamos os outros como próximos e não como estranhos.

Quando estudamos os fundamentos do Evangelho de Jesus, partimos do princípio de que suas palavras não devem ser interpretadas literalmente. Jesus fala de uma perfeição relativa dos seres humanos, pois não conseguimos ser perfeitos como Deus.

A essência da perfeição é a caridade. A perfeição moral é a essência da prática da caridade, estando incluído o amor aos ini-

migos, pois eles, em alguns casos, nos mostram as nossas imperfeições. Não temos como defender o espiritismo se nele faltar a caridade. A caridade é a negação do orgulho e do egoísmo.

O egoísmo é o excesso de amor-próprio. Quando pensamos apenas em nós mesmos, não sobra espaço para ninguém. O orgulho se dá quando temos tanta autoestima, que todos são ruins, menos nós. Quando agimos assim, perdemos a oportunidade de aprender com os outros. O orgulho ocorre independentemente da condição social dos seres humanos.

A pergunta que fazemos a nós mesmos é a seguinte. Como uma sociedade sobrevive se pensamos apenas em nós mesmos? O resultado está no que vemos ao nosso lado, pois o caos que vivemos é o desdobramento do egoísmo e do orgulho desenfreado. O mundo deveria se sustentar a partir daqueles que praticam a benevolência, indulgência, o perdão e abnegação.

A indulgência nos coloca grandes desafios. Temos que aceitar que somos imperfeitos perante Deus e temos inúmeras limitações e defeitos. Muitas vezes dizemos a nós mesmos que devemos aprender a perdoar os próximos. Contudo, poucas vezes nos perguntamos se devemos ser perdoados pelos próximos.

O risco que corremos é mergulhar na ilusão de que somos perfeitos, partindo do princípio de que nunca erramos e sempre estamos certos. Todos erram conosco, mas nunca erramos com eles. Será que nunca erramos a ponto de nunca pensarmos se merecemos ou não ser perdoados? Este é o desafio. A busca do equilíbrio está em sabermos quando estamos certos ou errados. Para isso, devemos deixar o orgulho e a vaidade de lado.

Emmanuel afirma que todos nós temos uma herança divina. O tempo é como uma esponja que suga as nossas imperfeições, permitindo que continuemos a nossa caminhada de aprendizados. Nós não encarnamos para sofrer, mas sim para aprender e, com isso, nos purificar.

Todos objetivamos a comunhão com Deus, como um rio que busca o mar. Ele sempre buscará este objetivo, seja o percurso mais curto ou longo, acidentado ou não. O rio recebe afluentes em seu caminho, que para nós, simples e complexos seres humanos, são os conhecimentos que a vida nos proporciona e que nos permitem crescer, até que sejamos titãs quando chegamos ao mar e nos somamos à sua grandeza e prosperidade.

Mas, o que fazemos com esses conhecimentos? Eles devem nos tornar sábios, sendo usados para o bem da humanidade e de nós mesmos. Quando tiramos lições refletindo em tudo o que nos acontece, os conhecimentos, os quais são os afluentes que permeiam as nossas vidas, se transformam na sabedoria que para sempre nos acompanhará.

O espiritismo nos deixa uma grande mensagem. A vida não cessa com a morte espiritual, pois sempre estamos vivos, independentemente de estarmos ou não encarnados. É por isso que o suicídio, medo, pânico e a perda do objetivo da vida constituem-se nos desvios propostos pelas forças trevosas que agem neste período de transição planetária. A morte consiste em um jogo obscuro das ilusões, pois o corpo morre, mas a vida não termina.

Roguemos a Deus que sejamos mil vezes mais fortes do que
nossas expiações e provas.

Que Jesus abençoe a todos nós.

O Encontro com Milton

Hoje lhes contarei uma história verídica sobre situações que ocorrem em nossa vida às quais não esperamos. A espiritualidade trabalha constantemente, colocando desafios que nos apontam a possibilidade de colocarmos em prática tudo aquilo que aprendemos.

Uma casa espiritual na cidade de Uberlândia, interior do estado de Minas Gerais, Brasil, se preparava para o início dos seus trabalhos na terça-feira. Por orientação do seu diretor espiritual, Doutor Luiz Américo, uma escola evangélica iniciaria as suas atividades naquela noite, cujo nome provisório é “Escola dos Evangelizadores de Jesus”.

Aquela seria a primeira palestra, versando sobre o tema da ansiedade e da depressão. A sala de reuniões estava lotada e a expectativa dos consulentes era elevada. Contudo, o carro que trazia a palestrante pegara o caminho errado e demoraria um pouco mais do esperado para chegar.

Todos os trabalhadores daquela casa usavam roupas brancas. Ali desenvolviam trabalhos de Apometria, passes magnéticos, palestras, estudos, conversas fraternas e acolhimento de irmãos desencarnados em sofrimento.

Um dos trabalhadores responsáveis pela referida escola, conversando por rede digital com a palestrante, envia mensagem dizendo que a esperaria fora da casa para acelerar a sua entrada e início da palestra. Enquanto isso, um outro trabalhador inicia o diálogo com as dezenas de consulentes que ali estavam.

O primeiro percebe que uma pessoa com uma roupa branca atravessa a rua apressada e caminha em sua direção. A rua tinha pouca iluminação, impedindo a visualização do seu rosto. No início, imagina que era um trabalhador da casa que chegara próximo ao horário do início dos trabalhos. Contudo, quando se aproxima, percebe que era um morador de rua. Ele carregava uma panela de ferro, um prato e um talher. No interior da panela havia uma refeição.

O morador de rua diz:

- Boa noite, eu fui um militar do Exército.
- Eu fui um sargento.

Em seguida, bate continência e sorri meio sem jeito. O trabalhador percebe que ele tinha sinais de ser um alcoólatra, sem, contudo, estar embriagado. Ele sorri para o morador e responde:

- Boa noite!
- Como posso ajudá-lo?
- Você está perdido?

O morador diz:

- Eu durmo no cemitério aqui ao lado.
- Fico em cima dos túmulos e me escondo embaixo das árvores quando chove.
- Você pode me ajudar a comer?

A casa espiritual fica próxima a um grande cemitério na cidade de Uberlândia. O trabalhador olha para a comida que está na panela, percebe que ele não consegue segurá-la e responde:

– Eu vou te ajudar.

– Percebo que você está com dificuldade de segurar a panela. Você quer que eu coloque a comida na sua boca ou apenas segure a panela?

Os olhos do morador de rua se enchem de lágrimas. Quando o trabalhador o ajuda a se alimentar, ele diz:

– Pedi para você me ajudar, porque não sou um cachorro e não quero comer no chão!

– Quem come no chão é um cachorro e eu não sou um! Eu não consigo segurar a panela, por ser muito pesada.

O trabalhador se emociona e constata a situação debilitada do morador e diz:

– Não, meu irmão, você não é um cachorro, mas sim um ser humano que deve ser respeitado e amado como qualquer outro.

– Não faça esta comparação.

– Nós estamos aqui para ajudá-lo.

O morador de rua começa a chorar e fica cada vez mais emocionado. Ele olha para o trabalhador e diz:

– Eu servi o exército no Rio de Janeiro.

– Lá frequentei um Centro de Umbanda.

– Eu era o responsável por tocar o atabaque no início das reuniões.

O trabalhador pergunta:

– Que legal!

– Você se lembra qual é o nome do Centro que frequentou?

Ele pensa e faz sinal de que se lembra.

– De repente, o seu corpo estremece, como se recebesse um choque, e diz:

– O nome do Centro no Rio de Janeiro é Luz Divina.

Existem centros no Brasil, especialmente em São Paulo, capital, e em Bauru, que se chamam Luz Divina. Não sei dizer a vocês se tem uma casa com este nome na cidade do Rio de Janeiro. Contudo, o nome Luz Divina foi significativo naquele momento. Este é o nome da mentora da esposa do trabalhador, uma mãe, dotada de grande sabedoria, vinculada à egrégora das Madres do Sagrado Coração de Jesus. A sua benevolência é cativante e ela representa dezenas de mães que participam e trabalham em conjunto com as crianças em trabalhos de atendimento e cura espiritual.

Naquele momento, o local escuro em que conversavam se iluminou em flashes de luz. Dezenas de mães somadas à egrégora das crianças, coordenada pelo menino Tarcísio, mentor daquele trabalhador, se apresentam de forma simultânea. O trabalhador percebe que era uma mensagem transmitida por aqueles trabalhadores espirituais para que ajudasse e acolhesse aquele morador de rua da melhor forma possível.

Ele se emociona e abraça o morador de rua, sendo correspondido. Aquele foi um abraço coletivo. Dezenas de mães e crianças o abraçam simultaneamente, irradiando luzes azuis e amarelas por todos os lados.

O morador de rua diz com os olhos cheios de lágrimas:

– Eu sou portador do vírus da AIDS.

– Tive dengue recentemente.

– Me sinto perdido.

– Não lembro ao certo quem são os meus familiares.

– A pouco tempo, estive em uma casa para pessoas portadoras do vírus HIV do outro lado da cidade de Uberlândia.

– Contudo, saí de lá, pois era muito rígida quanto às normas e eu não me adaptei.

Ele abraça novamente o trabalhador, sendo correspondido, e pergunta.

– A casa de vocês é umbandista?

O trabalhador responde:

– Não. Ela é uma casa espiritualista que recebe pessoas de diferentes religiões.

– Para nós, hoje é um dia muito especial, pois será inaugurada uma escola evangélica que auxiliará muitos encarnados e desencarnados.

– Você gostaria de ouvir a palestra que será ministrada?

O morador responde:

– Gostaria, mas estou muito sujo e posso incomodar as pessoas que estão lá dentro.

– Eu estou cheirando mal e minha roupa está suja.

O trabalhador responde:

– Você é muito bem-vindo aqui.

– Caso queira assistir à palestra, eu o encaminharei para o lugar devido junto a todos os outros consulentes.

– A casa espiritual é para todos os necessitados, independentemente de sua condição econômica e social.

O trabalhador olha para o morador de rua e pergunta:

– Qual é o seu nome?

Ele responde:

– O meu nome é Milton.

O trabalhador o encaminha para um assento. Ele assiste em silêncio à palestra ministrada com brilhantismo pela palestrante, cujo nome é Marta. Ela é uma filósofa clínica, estudiosa do tema, que realiza atendimentos a dezenas de encarnados. Uma pessoa dotada de acentuada benevolência, cujas palavras tocam os corações de quem as ouve.

O tema envolve os sentimentos e percepções de muitos que ali estavam, tanto encarnados, como desencarnados, remetendo-os a experiências recentes e passadas. Entre os desencarnados,

estão centenas de irmãos desencarnados em sofrimento que ouvem atentamente todas as explicações que são oferecidas.

Da mesma forma, diversas egrégoras, merecendo destaque os médicos, pretos e pretas velhas, mães, crianças, baianos, caboclos, entre tantas outras. Os Irmãos Guardiões realizam o trabalho de proteção da casa com todo amor e competência. Muitos se emocionam com as informações e discussões ali realizadas, fazendo perguntas e intuindo a palestrante em suas respostas.

Quando a palestra termina, Milton se aproxima daquele trabalhador e o abraça novamente. Com o olhar fixo, afirma:

– Eu li alguns livros de Allan Kardec.

– O Evangelho segundo o Espiritismo, o Livro dos Médiuns, o Livro dos Espíritos, as Obras Póstumas, o Céu e o Inferno e a Gênese.

– Li também muitos romances espíritas que contam experiências neste e em outros planos.

Os seus olhos se acendem e ele pergunta ao trabalhador:

– Preciso que seja sincero comigo!

Você vai ser sincero comigo?

O trabalhador responde:

– Sim, Milton, eu não minto para as pessoas, pois isso fere um código especial de conduta que sigo em uma outra instituição da qual participo.

O trabalhador pensa consigo mesmo que o Grande Arquiteto do Universo ilumine os caminhos daquele morador de rua e Milton continua:

– Eu posso acreditar no que está escrito nas obras de Allan Kardec e nos romances espíritas que eu li?

– Meus dias futuros serão melhores que os de hoje?

– A vida não termina com a morte?

– Eu terei a oportunidade de começar novamente?

O trabalhador olha para ele e responde:

– Sim, Milton, você pode acreditar!

– As obras de Allan Kardec e muitos dos romances espíritas publicados são sérios.

– Eles guiam a vida de muitas pessoas, sejam elas encarnadas ou desencarnadas, dando-lhes respostas e esperança.

Os olhos de Milton se iluminam, acendendo como um fogo selvagem. Aquela foi a sensação, dada a sua profundidade, muito difícil de descrever em tão poucas palavras. Milton abraça novamente o trabalhador e se prepara para partir. O trabalhador pergunta:

– Você não vai levar a sua panela e o seu prato?

Ele responde:

– Não!

– Depois de tudo o que vi aqui, eles pouco me importam. Conseguirei outros com o tempo.

O trabalhador lhe dá um dinheiro para que pudesse se alimentar, mesmo imaginando que o uso poderia ser outro. Contudo, isso pouco importava naquele momento. O trabalhador diz:

– Eu quero que volte aqui na casa na próxima semana. Você precisa voltar para a casa dos portadores do HIV.

– Ali, receberá cuidados especiais, medicações e alimentação fundamental para a sua saúde e sobrevivência.

– Não é necessário dormir sobre os túmulos.

Milton ouve em silêncio e desaparece da mesma forma como veio. O trabalhador ficou a pensar. Quando ele foi abraçado pela última vez? Será que ele voltará? A sua intuição lhe disse naquele momento que não. Contudo, não controlamos o futuro.

Como aquele trabalhador se sentiria consigo mesmo se não houvesse tratado o morador de rua com respeito, por ser um dos palestrantes da casa e responsável pela criação da recente escola? Benevolência, sem compreensão do seu sentido, é palavra morta? Como defender a bondade sem conseguir ser bom para o próximo? Quanto nos custa uma palavra de incentivo e um abraço? Quantos desencarnados estavam com o Milton naquele encontro?

Estas e outras questões ficaram na lembrança daquele simples trabalhador. Aquela experiência permitiu que ele percebesse o Evangelho do Cristo como um manual de ação evangélica prática.

A junção da teoria e da prática é o caminho para o crescimento espiritual da humanidade.

Que Jesus abençoe a todos vocês!

O livro "Palestras Espíritas - Volume 2", de Carlos Lucena, é uma compilação de reflexões e transcrições de palestras ministradas em centros espíritas que visam unir o conhecimento científico ao religioso para responder a questões fundamentais sobre a vida e a morte. A obra utiliza o Espiritismo como uma "pedagogia do esclarecimento" para ajudar o ser humano a superar a "tragédia humana" da indiferença e da solidão.

O livro é um convite à reforma íntima, incentivando a prática da benevolência e da indulgência como formas de resistência à degradação moral do mundo contemporâneo.

